

1) Analise o caráter e a importância essencial das imagens poéticas no gênero lírico a partir da leitura crítica do poema "A mulher e a casa", de João Cabral de Melo Neto.

A mulher e a casa

Tua sedução é menos
de mulher do que de casa:
pois vem de como é por dentro
ou por detrás da fachada.

Mesmo quando ela possui
tua plácida elegância,
esse teu reboco claro,
riso franco de varandas,

uma casa não é nunca
só para ser contemplada;
melhor: somente por dentro
é possível contemplá-la.

Seduz pelo que é dentro,
ou será, quando se abra;
pelo que pode ser dentro
de suas paredes fechadas;

pelo que dentro fizeram
com seus vazios, com o nada;
pelos espaços de dentro,
não pelo que dentro guarda;

pelos espaços de dentro:
seus recintos, suas áreas,
organizando-se dentro
em corredores e salas,

os quais sugerindo ao homem
estâncias aconchegadas,
paredes bem revestidas
ou recessos bons de cavas,

exercem sobre esse homem
efeito igual ao que causas:
a vontade de corrê-la
por dentro, de visitá-la.

João Cabral de Melo Neto, *Quaderna*

2) Tendo em mente a questão dos gêneros literários, analise os poemas "Ulisses", de Cesare Pavese, e "O Rio", de Manuel Bandeira. Comente como cada um deles se relaciona com os pólos opostos da prosa e da poesia, levando em conta o papel construtivo do ritmo, dos recursos retóricos específicos (uso mais ou menos intensivo das imagens; exploração mais ou menos acentuada da (con) fusão entre som e sentido; maior ou menor clareza no desenho lógico-discursivo; maior ou menor descritividade e referencialidade).

a)

Ulisses

Este é um velho frustrado por ter feito seu filho muito tarde. Perscrutam-se às vezes, na cara - noutros tempos bastava um tabefe. (O pai sai e retorna com o filho que esfrega a bochecha sem erguer mais os olhos). O velho se senta até a noite, diante da grande janela, mas não passa ninguém pela rua deserta.

De manhã, o rapaz escapou e retorna esta noite. Escarnece, decerto. A ninguém vai dizer se comeu seu almoço. Talvez tenha os olhos pesados e deite em silêncio: duas botas de lama. Após um mês de chuva a manhã era azul.

Pela fresca janela entra um cheiro de folhas amargo. Já o velho não se arreda do escuro e não dorme de noite, mas queria ter sono e esquecer-se de tudo, como outrora, ao voltar de uma longa jornada. Aquecia-se, antes, gritando e batendo.

O rapaz, que já está de regresso, não leva mais tapas
O rapaz começou a crescer e descobre
cada dia algo novo e não fala a ninguém.
Não há nada na rua que escape ao olhar
daqui desta janela. E o rapaz perambula
todo o dia na rua. Não busca mulheres
e não brinca no chão. Ao final, sempre volta.
O rapaz tem um jeito de ir-se de casa
que, quem fica, se sente jogado de lado.

Cesare Pavese (1908-1950), *Trabalhar cansa*. Trad. Maurício Santana Dias. (S.Paulo: Cosac Naify, 2009)

b)

O Rio
Ser como o rio que deflui
Silencioso dentro da noite
Não temer as trevas da noite
Se há estrelas nos céus, refleti-las.
E se os céus se pejaram de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas.

Petrópolis, 1948.

Manuel Bandeira, *Belo belo*. Em *Poesia completa e prosa*. (Rio de Janeiro: Aguilar, 1986)

3) Que traços estilísticos permitem associar “Epígrafe” e “Nova Poética”, de Manuel Bandeira, à definição de gênero lírico esboçada por Anatol Rosenfeld e sintetizada por Paul Valéry? Discuta como cada um dos poemas se relaciona com este “tipo ideal” da lírica pura. Em que aspectos um e outro o reafirmam? Em que outros o corrigem?

“A Lírica tende a ser a plasmação imediata das vivências intensas de um Eu no encontro com o mundo, sem que se interponham eventos distendidos no tempo (como na Épica e na Dramática). A manifestação verbal ‘imediata’ de uma emoção ou de um sentimento é o ponto de partida da Lírica. Daí segue, quase necessariamente a relativa brevidade do poema lírico. A isso se liga, como traço estilístico importante, a extrema intensidade expressiva que não poderia ser mantida através de uma organização literária mais ampla. Sendo apenas expressão de um estado emocional e não a narração de um acontecimento, o poema lírico não chega a configurar nitidamente o personagem central (o Eu lírico que se exprime), nem outros personagens, embora naturalmente possam ser evocados ou recordados deuses ou seres humanos, de acordo com o tipo de poema. Qualquer configuração mais nítida de personagens já implicaria certo traço descritivo e narrativo e não corresponderia à pureza do gênero; pureza absoluta que nenhum poema real talvez jamais atinja.”
Rosenfeld, A., *A Teoria dos Gêneros*. In: *O Teatro Épico*. S.Paulo: Perspectiva, 1985, p.22-23

“Entre a Voz e o Pensamento, entre o Pensamento e a Voz, entre a Presença e a Ausência oscila o pêndulo poético. - Resulta desta análise que o valor de um poema reside na indissolubilidade do som e do sentido.”

Valéry, Paul. “Poesia e pensamento abstrato”

Epígrafe

Sou bem nascido. Menino,
Fui como os demais, feliz.
Depois, veio o mau destino
E fez de mim o que quis.

Veio o mau gênio da vida,
Rompeu em meu coração,
Levou tudo de vencida,
Rugiu como um furacão,

Turbou, partiu, abateu,
Queimou sem razão nem dó –

Ah, que dor!
Magoado e só,
– Só! – meu coração ardeu:

Ardeu em gritos dementes
Na sua paixão sombria...
E destas horas ardentes
Ficou esta cinza fria.

– Esta pouca cinza fria...

(Manuel Bandeira, em *A Cinza das Horas*, 1917)

Nova Poética

Vou lançar a teoria do poeta sórdido.
Poeta sórdido:
Aquele em cuja poesia há a marca suja da vida.
Vai um sujeito.
Sai um sujeito de casa com a roupa de brim
/branco muito bem engomada e na
/primeira esquina passa um caminhão,
/salpica-lhe o paletó ou a calça
/de uma nódoa de lama:

É a vida.

O poema deve ser como a nódoa no brim:
Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.
Sei que a poesia é também orvalho.
Mas este fica para as menininhas, as estrelas
/alfas, as virgens cem por cento, e as
/amadas que envelheceram sem maldade.

19-5-1949

(Manuel Bandeira, em *Belo Belo*, 1948)

Pequena antologia crítica:

a)“Épica, dramática ou lírica, condensada numa frase ou desenvolvida em mil páginas, toda imagem aproxima e conjuga realidades opostas, indiferentes ou distanciadas entre si. Isto é submete à unidade a pluralidade do real. Conceitos e leis científicas não pretendem outra coisa. Graças a uma redução racional, indivíduos e objetos – plumas leves e pedras pesadas – convertem—se em unidades homogêneas. [...] A operação unificadora da poesia mutila-as e empobrece-as. O mesmo não ocorre com a poesia. O poeta nomeia as coisas: estas são plumas, aquelas são pedras. E de súbito afirma: as pedras são plumas, isto é aquilo. Os elementos da imagem não perdem seu caráter concreto e singular.” Octavio Paz, *O arco e a lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p.120-121

b)“A concepção de ser a poesia metáfora do mundo se confirma no seu poder de revelar o universal no particular. Daí lhe vem o valor heurístico de redescoberta do mundo: para além da realidade factual, ela nos leva até uma outra, a do possível. Pergunta-se Paul Ricoeur se “não é a função da poesia suscitar um outro mundo, um mundo que corresponda a possibilidades outras de existir, a possibilidades que sejam os nossos possíveis mais próprios?”. De fato, a metáfora poética introduz na literalidade unívoca do factual regida pelo verbo ‘ser’, possíveis plurívocos regidos pelo verbo ‘ser-como’ ”.

José Paulo Paes, “Para uma pedagogia da metáfora”. In *Armazém literário*. S.Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.115

c) “Poesia, poesia no sentido formal, ensinou ele [Pedro Henriquez-Ureña], é linguagem dividida em unidades rítmicas; prosa é linguagem continuada. Sem dúvida, na linguagem continuada da prosa há parágrafos. Mas o corte da prosa em parágrafos atende somente à necessidade de ordenação de ideias. O verso é a unidade rítmica do poema. Ritmo, em sua forma elementar, é repetição. O verso, em sua essência, é unidade rítmica que se repete e forma séries. Para formar séries podem as unidades ser semelhantes ou dessemelhantes. Podem ser unidades flutuantes. Mas é necessário que cada verso seja uma como que entidade, ou como disse Valéry, ‘uma palavra total, vasta, nativa, perfeita, nova e estranha à língua’.”

Manuel Bandeira, “Poesia e verso”

d) “Podemos pensar as obras literárias como linguagem com propriedades ou traços específicos e podemos pensar a literatura como o produto de convenções e um certo tipo de atenção. Nenhuma das duas perspectivas incorpora com sucesso a outra e devemos nos movimentar para lá e para cá entre uma e outra.”

Jonathan Culler, *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcellos. Beca: São Paulo, 2010, p.35

Questões:

4) Analise como a importância da imagem na linguagem da poesia a partir da leitura do poema “Galo galo”, de Ferreira Gullar.

5) “O galo”, de Murilo Mendes, é um texto que gravita entre os polos da prosa e da poesia. Quais os traços estilísticos típicos do gênero lírico que nele se destacam e o distanciam da prosa pura? Compare-o do ponto de vista do gênero literário ao poema de Ferreira Gullar.

6) Partindo da citação de Culler, discuta o conceito do literário e as marcas da literariedade no poema de Ferreira Gullar e em “O galo”, de Murilo Mendes, em chave comparativa.

7) Compare, do ponto de vista da construção rítmica e da exploração da sugestão de sentidos pela manipulação sonora, o “galo” de Ferreira Gullar e o de Murilo Mendes.

Galo Galo

O galo
no saguão quieto.

Galo galo
de alarmante crista, guerreiro
medieval.

De córneo bico e
esporões, armado
contra a morte
passeia.

Mede os passos. Pára.

Inclina a cabeça coroada
dentro do silêncio
- que faço entre coisas?
- de que me defendo?

Anda

no saguão.
O cimento esquece
o seu último passo.

Galo: as penas que
florescem da carne silenciosa
e o duro bico e as unhas e o olho
sem amor. Grave
solidez.
Em que se apoia
tal arquitetura?

Saberá que no centro
do seu corpo, um grito
se elabora?

Como, porém, conter,
uma vez concluído,
o canto obrigatório?

Eis que bate as asas, vai
morrer, encurva o vertiginoso pescoço
donde o canto rubro escoá.

Mas a pedra, a tarde,
o próprio feroz galo
subsistem ao grito.

Vê-se: o canto é inútil.

O galo permanece – apesar
de todo o seu porte marcial –
só, desamparado,
num saguão do mundo.

Pobre ave guerreira!

Outro grito cresce
agora no sigilo
de seu corpo; grito
que, sem essas penas
e esporões e crista
e sobretudo sem esse olhar
de ódio
não seria tão rouco
e sangrento.

Grito, fruto obscuro
E extremo dessa árvore: galo.
Mas que, fora dele,
é mero complemento de auroras.

São Luís, abril de 1951.

Ferreira Gullar, *A luta corpo*

